

V - PRAXIS-EPISTEMOLOGIA: A BUSCA DO SABER COMO VONTADE DE PODER

Por: Caesar Sobreira
Psicólogo da UNIR

A busca do saber, pelo homem, é ontológica. Desde o aparecimento do homem sobre a terra, que ele procura dominar mais e mais conhecimentos na tentativa de se impor à natureza e aos outros homens.

Para ilustrar esta afirmação, tomemos como exemplo a mais importante fonte da mitologia ocidental, que é a Bíblia. A questão da busca do conhecimento está explicitamente citada logo no Gênesis, quando é relatado (Gen 2:9) que Deus fez brotar "a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal".

Logo em seguida é ordenado ao homem: "da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (Gen 2:17). A serpente, porém, dialogando com Eva, recebe dela esta resposta: "Do fruto das árvores do jardim, podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais". (Gen 3:2).

A astuta serpente retruca: a proibição se deve ao fato de que quem dela comer será "como Deus... conhecedor do bem e do mal" (Gen 3:5). Eva achou que a árvore era "desejável para dar entendimento" (Gen 3:6) e comeu do seu fruto e fez Adão comer, também.

"Então disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente: O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden (...)", conforme relatado em Gênesis 3:22-23.

Ora, como se pode perceber, trata-se de duas árvores: uma era a árvore da vida e a outra era a árvore do conhecimento do bem e do mal, ambas localizadas no "meio do jardim", de acordo com o que lemos acima. Mas a proibição se referia exclusivamente aos frutos da árvore do conhecimento.

Embora Eva se refira à proibição como relativa ao "fruto da árvore que está no meio", a proibição de Deus se referia à árvore do conhecimento do bem e do mal.

Considerando que qualquer espaço geométrico só pode possuir um único ponto central, e o texto bíblico afirma que ambas as árvores se encontram "no meio do jardim", então somos forçados a concluir que se trata de uma única árvore com dois troncos.

O simbolismo das duas árvores numa só repercute imensamente na Cabala judaica. Esra Ben Salomomo de Gerona, no seu livro "O Mistério da Árvore do Conhecimento", escreveu o que se segue:

"Sabes que a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento são em baixo uma só, em cima porém duas árvores, provindo a Árvore do Conhecimento do lado Norte e a Árvore da Vida do lado do Oriente, donde sai a luz para todo o mundo.

"Desde que a Árvore da vida - que provém do lado Oriente, e é boa a inclinação e a característica da paz e harmonia - se encontra ligada à Árvore do Conhecimento - que provém do lado Norte, do lado de Satanás e do mal, Satanás nada pode fazer, pois a Árvore da Vida, que é a característica da harmonia, tem o domínio sobre ele. Mas, se dela for separada, fica entregue ao seu poder e ele consegue atuar."

Corroborando e analisando esta tese de Esra Ben Salomomo, o professor Gershon Scholem, da Universidade Hebraica de Jerusalém, em seu livro "A Cabala e a Mística Judaica" (Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990), afirma que "a Árvore da Vida, que vem do Oriente místico, mais não é do que uma representação da Esfera (Emanação) de Justo, do "fundamento cósmico" criativo.

"... a Árvore do Conhecimento é um símbolo da última Esfera, na qual bem ou mal, AMOR e SEVERIDADE de Deus, se encontram reunidos e pela qual atuam a todos os neis inferiores.

"Ambas as árvores são no fundo uma só, crescendo de uma mesma raiz comum, na qual o masculino e o feminino, o que dá e o que recebe, o que cria e o que reflete, são um só."(pp.58)

Mais adiante, Scholen afirma que "a própria Árvore do Conhecimento - ao ser arrancada à raiz comum da Árvore da Vida - torna-se **ÁRVORE DA MORTE**."(pp.64).

Moral da história: "AMOR E CONHECIMENTO não podem ser arrancados um do outro; devem ser vistos e realizados na sua unidade"(Scholen,p.58).

Após a interdição da Árvore da Vida (Gen 3:22), que só foi proibida aos homens após, e só após, o homem primordial, Adão Kadmon, ter comido dos frutos da árvore proibida, a "árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, nós só vamos encontrar referência à Árvore da Vida no final da Bíblia, no Apocalipse, onde lemos, no cap. 2, vers.7:

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus."

Ou seja, chegará o momento em que o homem (espiritual) terá direito aos frutos da Árvore da Vida que, como afirmado em Gênesis 3:22, propicia a vida eterna a quem comê-los.

A localização geográfica da Árvore da Vida é reafirmada no Apocalipse 22:2, que assegura:

"No meio da sua praça (em frente ao trono de Deus, N.A.), de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida" e, prosseguindo o texto revelado, serão "Bem-aventurados aqueles que lavam a sua vestidura, para que lhes assista o direito à árvore da vida" (Ap 22:14).

Temos, pois, diante do homem moderno, uma tradição mítica e mística, garantindo que foi por causa da busca do conhecimento que o homem perdeu o paraíso, ou seja, sua inocência paradisiaca. A linguagem bíblica se presta a várias interpretações: literal, simbólica, metafórica e cabalística (mística).

De qualquer modo, para os que crêem na verdade revelada da Bíblia e mesmo para os incrédulos, o imaginário popular, o inconsciente coletivo do Ocidente está impregnado por tais imagens.

Na busca do Conhecimento o homem rompeu com o divino. Esta

mesma lição ética nos é revelada através do mito de Prometeu acorrentado, que tentou roubar de Zeus o "fogo" da vida e, por isso, foi castigado e preso no Cáucaso, onde um abutre devorava-lhe o fígado todos os dias, até que um herói (meio divino, meio humano), Hércules, o libertou.

O herói, na mitologia semítica, que irá libertar os filhos de Adão é o escatológico Messias. Também ele meio divino (porquanto receberá o Espírito - psyché, em grego; ruach, em hebraico - divino) e meio humano (porque será um homem de carne e osso, como todos nós). Aliás, na era messiânica, o fruto da Árvore do Conhecimento não será proibido. O erro de Adão, para Gershon Scholem, foi ter antecipado esse momento, ou seja, comeu o fruto ainda verde, ou antes: ele próprio ainda não tinha organismo preparado para digerir tal fruto.

Alguém dos poderá se perguntar o que tudo isso tem a ver com o estudo universitário, sobre o qual esta Aula Inaugural deveria se debruçar. A resposta é que a gênese do conhecimento ocidental, inclusive o conhecimento acadêmico, tem na Bíblia sua matriz.

O conhecimento no Ocidente - e não só no Ocidente, como também em toda sociedade tradicional - sempre foi preservado pelas castas dotais, nos templos, nos mosteiros, nas igrejas, e mesmo o ensino universitário deve à religião o fato de os monges e eruditos terem preservado o conhecimento de gerações e gerações.

Mas há um momento em que o homem se rebela contra a sua própria incapacidade de tudo saber e de decifrar os mistérios do universo. Diante de sua ignorância, o sábio sabe que nada sabe, como propalava Sócrates.

Porém, houve quem decidiu ultrapassar os limites do saber permitido e se aventurar no conhecimento proibido. É o caso do mito europeu do Dr. Faustus, tão bem retratado por Goethe.

Faustus era um cientista que havia estudado todas as ciências conhecidas do seu tempo. Dominava todo o saber que era possível um homem dominar. Sua inquietude científica impeliu-o a fazer um pacto com o demônio e assim, invocando as forças do mal, Faustus consegue entrar em contato com Mefistófelis.

Após tomar conhecimento do que Faustus pretendia (aprender todos os mistérios do universo), o demônio - mentiroso como seria de esperar - promete atender seu pedido desde que, em troca, Faustus pague o serviço com sua alma. Faustus, como muitos cientistas de hoje que vendem seus conhecimentos em troca do "bezerro de ouro", topou o negócio e o pacto é assinado com o sangue dele.

Assinado o trato, Mefisto fica exultante com a conquista de mais uma alma para o seu inferno, e saltitante declama estes versos:

"Não és mais, meu senhor, do que és: um mortal!

Perucas podes ter, com louros aos milhões.

Alçar-te com teus pés nos mais altos tacões.

Serás sempre o que és: um pobre mortal!"

Ou seja, não importa conhecimento, riqueza, poder, glória... o homem sempre será um ser mortal. A busca de conhecimento é uma das formas de acumular poder. Mas, tanto conhecimento como poder são ilusórios. Só os sábios sabem disso. O tolo acha que acumulando conhecimento e poder será mais do que alguém que supostamente não detém poder (político e/ou econômico) e conhecimento

(formale/ou acadêmico).

Na mesma Alemanha, onde brilhou o gênio poético de Goethe, também luziu o gênio máximo de Nietzsche, o filósofo que mais enalteceu o poder. Seus livros seduziram gerações e mais gerações. Nietzsche é considerado, junto com Freud e com Marx, um dos pensadores que forjaram filosoficamente o século XX.

Na sua obra máxima, *Also Sprach Zarathustra* (Assim Falou Zarathustra), Nietzsche chegou aos píncaros da glória. Neste livro, defendeu o ideal do "super-homem", sábio, forte e poderoso. Ignorando as boas maneiras acadêmicas, Nietzsche ultrapassou a filosofia bem-comportada do século XIX e se inspirou num mítico profeta persa da religião masdeísta chamado Zarathustra (ou Zoroastro).

O homem que domina o saber, conforme pintado por Nietzsche, tem que se retirar da sociedade dos homens comuns porque ele é capaz de entender todos mas não será entendido por ninguém. Sua retirada da sociedade não é uma fuga, mas sim demonstração de fortaleza. Preferirá morar em companhia da serpente e da águia, do que suportar a mediocridade do "humano, demasiado humano".

"Mais respeito com quem sabe!", bradava furioso esse genial pensador. Sua filosofia viril, forte, energética, estoica e espartana, refletia dialeticamente sua compleição frágil de um homem adoentado e atormentado pelo excesso de conhecimento que acumulou durante toda a sua vida.

A exaltação do sábio e do filósofo defendida por Nietzsche é como um eco da exclamação platônica (Cartas, VII), que afirmava que "os males dos humanos só cessarão no dia em que os verdadeiros filósofos chegassem ao poder, ou quando os governantes comesçassem a filosofar verdadeiramente".

Todo intelectual do passado e do presente defronta-se com esta questão do saber e sua relação com o poder. Alguns, como José Guilherme Merquior, dono de um "discurso competente" para usar uma expressão irônica de Marilena Chauí, preferiram namorar com o poder político formal.

Outros, mais rebeldes ou menos competentes na tarefa de se acoplar ao poder, se postam atrás de barricadas literárias para fustigar o "poder dos outros", numa relação inversa - de inveja do rei - mas que no fundo é motivada pela mesma vontade de, através do saber, galgar os degraus do poder.

Nesta tentativa de articular Saber e Poder, encontra-se o papel da Universidade, como centro produtor de conhecimento e transmissor de saber. Mas, e quando a Universidade enquanto instituição não existia, como e onde eram produzidos e transmitidos os saberes?

Ora, antigamente o privilégio do saber era exclusivo das castas sacerdotais, como já disse. Até Baixa Idade Média quem quisesse aprender filosofia e ciência, teria que se aproximar dos círculos sagrados.

Na antiguidade, muito mais notável, era o fato de que o Saber era considerado sagrado e para sua transmissão eram necessários vários rituais. Com o passar do tempo e a dessacralização do Templo, da sociedade e do conhecimento, a função de transmissão de saber foi deslocada.

É quando entra em cena o saber profano, ou a "ciência" propriamente dita. Afastando-se das tradições religiosas e cogitando um sentido profano para a arte do filosofar e do produzir e transmitir saber, o conhecimento vai se articulando na formação da instituição Universidade.

É com a eclosão da Idade Moderna que este movimento de divórcio entre o saber e o sagrado alcança maior prestígio. As universidades já existiam desde a Alta Idade Média, mas ainda não havia sido forjada uma ideologia

do conhecimento própria, sem vínculos com o saber religioso.

Mas a Ratio, a Razão, como é entendida no Ocidente, haveria de criar um fosso profundo e intransponível, separando-se da fé de maneira irreversível. Mesmo que sábios judeus (como Maimônides), cristãos (como Agostinho) e muçulmanos (como Al-Ghazzali) tenham provado que a fé não é incompatível com a ciência, a tendência da "modernidade" foi separar e dicotomizar ambos os saberes.

Com o "triunfo da Razão", a sabedoria torna-se oculta e passa a ser acessível somente a um pequeno número de iniciados. Em contrapartida, o conhecimento dito "científico" torna-se dogmático reivindicando o direito de verdade absoluta na medida em que se estribava em "dados reais".

Essa situação, de certo modo, persevera até hoje. Mas, pelo menos, a cada dia que passa aumenta a legião de pensadores que procuram articular o saber tradicional com o saber universitário. Uma nova exegese bíblica à luz da ciência, mostra que "A Bíblia tinha razão...", para utilizar o título de um livro muito conhecido.

Porém, para usar como argumento definitivo em defesa dos dois tipos de conhecimento (o saber sagrado e a ciência profana), evoco o testemunho da lógica dialética. Ora, como vocês todos sabem, a lógica dialética se baseia em três movimentos que criam um quarto momento, a saber: Tese, Antítese, Síntese. A síntese se transforma em nova tese. E o processo se repete ad infinitum.

Exemplifiquemos: existe uma tese científica (a terra é o centro do universo), considerada como verdade até que uma antítese (a terra não é o centro do universo, mas sim o sol) se lhe opõe. No conflito de tais teorias, os estudos avançam e chegam a uma síntese (nem a terra nem o sol são os centros do universo: o centro ainda está para ser descoberto).

Para dar um exemplo ainda mais compreensível, consideremos que a tese será confrontada por algo diferente da sua natureza, que é a antítese. Do confronto dos dois, nascerá uma síntese que é em si uma nova tese. Assim sendo, um homem (tese) e uma mulher (antítese) dão origem a uma criança (síntese). Esta criança, seja qual sexo for, se tornará uma tese que repetirá este processo dialético, atendendo à exortação bíblica de "crescer e multiplicar".

Pois bem, através da lógica dialética, consideremos que o saber sagrado é a tese; o saber científico é a antítese (que, embora negando a tese, guarda em si e na própria nomenclatura o próprio sentido da tese). A síntese será o conhecimento que está sendo forjado e que no Terceiro Milênio será considerado "normal": a junção em um só saber destes dois tipos de conhecimentos (sacro e científico) que hoje são separados.

Para encerrar, queremos afirmar que o Saber é, por si só, poder. Independente de estar articulado ou não com o saber político formal, o domínio de conhecimentos abre caminho, dá acesso, alarga as veredas para o homem desenhar o seu destino.

Um homem analfabeto tem menos possibilidades de fazer escolhas certas do que um homem de formação superior. Contra as injustiças e contra o mal do mundo, é mais fácil quem domina o conhecimento articulado sobreviver com mais agilidade neste mundo tecnocratizado.

Saber é poder. Esta foi a conclusão (lógica) de um livro publicado em 1983, pela Tempo Brasileiro. Obra multiautoral, da qual participei junto com luminares da filosofia brasileira, como Chaim Samuel Katz (da PUC-RJ), Benedito Nunes (UFPA) e Célio Garcia (UFMG); todos os pensadores concordaram que a

articulação do saber promove o indivíduo, elevando-o por sobre a camada da sociedade que não buscou dominar as novas formas de pensar, cabendo a esta última a participação alienada na História.

A caminhada do homem na História elevou-o da força bruta que foi a que predominou nos primórdios da civilização, até atingir o estágio onde a força do dinheiro se tornou predominante. Agora, estamos no limiar de um novo tempo onde a força do conhecimento, ou melhor, a força do saber protagonizará o principal papel histórico e social do próximo milênio.

Por isso, consciente ou inconscientemente, é que vocês estão estudando aqui, nesta Faculdade. Por saberem ao menos intuitivamente que só se habilita a vencer quem souber dominar o discurso articulado do conhecimento oferecido pelo ensino superior.

Mas não se iludam, meus caros alunos, com o fascínio do saber e do conhecimento. Ilusão, tudo é ilusão, como advertiu o sábio Sidarta Gautama, o Buda. O que vocês aprenderem hoje, será contestado pelas gerações futuras.

A ciência só avança através do confronto entre o velho conhecimento e o novo conhecimento. Se Ptolomeu não existisse o Scud não existiria o antigo míssel Patriot. Se Ptolomeu não tivesse existido, o que seria de Copérnico e, muito menos, de Galileu? Se Moisés não tivesse pregado no Sinai, Jesus não teria ensinado em Jerusalém, nem Maomé teria profetizado em Meca.

Ou seja, todo conhecimento é predileção de novos conhecimentos futuros. Noutras palavras, um conhecimento anterior - incompleto como todos os conhecimentos humanos - prepara as veredas para um conhecimento posterior. Mas como geralmente o velho resiste ao novo, é compreensível que o novo encontre barreiras erguidas pelos adeptos do antigo conhecimento. Esta é a Lei da Produção do Conhecimento.

Portanto, meus caros colegas acadêmicos, estudemos. Estudemos o que sabiam os sábios de antigamente, para que possamos ser os sábios do futuro, precursores de outros sábios de gerações que ainda não nasceram.

Mas nunca esqueçamos da humildade, pois toda a sabedoria que um homem pode acumular no decurso de uma vida de estudos e meditações, é como uma gota no vasto oceano da sabedoria.

Lembremos desta advertência bíblica do Eclesiastes:

" Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia; e vim a saber que também isto é correr atrás de vento. Porque na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência, aumenta tristeza". (Ec 1:17-18).

Tendo em vista tudo que vos escrevi e falei, faço minhas as rútilas palavras de Nietzsche - Zaratustra:

Por isso o vosso mais alto pensamento deveis ouvi-lo de mim, e é este: o Homem deve ser superado.